

DA EXPERIÊNCIA À PALAVRA ESCRITA: MÍSTICA CONTEMPORÂNEA NA LITERATURA TESTEMUNHAL*

Bruno Schröder**

RESUMO

A literatura testemunhal é uma forma de literatura que emerge em contextos históricos traumáticos, ela se caracteriza por uma tensão entre o desejo de contar e o horror da experiência vivida. O testemunho, nesse sentido, não é apenas um relato de fatos, mas uma forma de buscar um sentido mais profundo. Ela se distingue de outras formas de narrativa por sua ênfase na autenticidade, ela não se limita a relatar fatos, mas busca expressar as vivências subjetivas mais profundas das vítimas, inclusive as espirituais. A mística contemporânea caracteriza-se por ser uma experiência direta e íntima com o divino que pode acontecer fora das estruturas de religiões institucionalizadas. São experiências de difícil comunicação, mas a literatura testemunhal oferece um espaço significativo. O objetivo desta pesquisa é estabelecer uma relação entre mística contemporânea e literatura testemunhal, norteado pela questão da possibilidade de a literatura testemunhal ser um espaço privilegiado para comunicar a experiência mística na contemporaneidade. De fato há uma estreita relação entre ambas, a literatura testemunhal é uma forma de expressão que permite às pessoas compartilhar suas experiências pessoais e espirituais de uma maneira mais significativa, oferecendo um espaço de comunicação interpessoal em que se pode encontrar inspiração nas próprias jornadas espirituais.

PALAVRAS-CHAVE: literatura testemunhal; mística contemporânea; espiritualidade; experiência traumática; memória.

ABSTRACT

Testimonial literature is a form of literature that emerges in traumatic historical contexts; it is characterized by a tension between the desire to tell and the horror of the lived experience. Testimony, in this sense, is not just an account of facts, but a way of searching for deeper meaning. It is distinguished from other forms of narrative by its emphasis on authenticity; it does not merely report facts, but seeks to express the deepest subjective experiences of the victims, including spiritual ones. Contemporary mysticism is characterized as a direct and intimate experience with the divine that can take place outside the structures of institutionalized religions. These are difficult experiences to communicate, but testimonial literature offers significant space. The aim of this research is to establish a relationship between contemporary mysticism and testimonial literature, guided by the question of whether testimonial literature can be a privileged space for communicating mystical experience in contemporary times. In fact there is a close relationship between the two, testimonial literature is a form of expression that allows people to share their personal and spiritual experiences in a more meaningful way, offering a space of interpersonal communication where one can find inspiration in one's own spiritual journeys.

KEYWORDS: testimonial literature; contemporary mysticism; spirituality; traumatic experience; memory.

* Texto recebido em 30/05/2023 e aprovado para publicação em 20/06/2023.

** Mestrando em Ciências da Religião pela PUC Minas. Linha de pesquisa Pluralismo Religioso, Diálogo e Linguagem. E-mail: bcbs@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

A literatura testemunhal é uma forma de literatura que emerge em contextos históricos traumáticos, como guerras, genocídios, ditaduras, desastres naturais, entre outros, e que tem como objetivo tentar comunicar a subjetividade em tais eventos. Ela se caracteriza por uma tensão entre o desejo de contar e o horror da experiência vivida. O testemunho, nesse sentido, não é apenas um relato de fatos, mas também uma forma de dar sentido à experiência traumática, portanto torna-se uma necessidade daquele que escreve.

A literatura testemunhal se distingue de outras formas de narrativa por sua ênfase na autenticidade e na responsabilidade ética do autor em relação àqueles que foram vítimas do trauma. Ao compartilhar suas histórias, os autores de literatura testemunhal também assumem a responsabilidade de lembrar e testemunhar em nome daqueles que não podem mais fazê-lo.

Durante muito tempo, pensei se deveria escrever ou manter o silêncio sobre Dachau. Por que falar sobre isso? De qualquer forma, as pessoas não compreendem, eu já não pertencço às pessoas e as pessoas já não me pertencem. Por que contar tudo isto? Mas temos de falar, porque os mortos nos pedem isto, eles falam através de nós. (TIJHUIS, 2004, p. 20, tradução nossa)¹.

A necessidade de contar “aos outros”, de tornar “os outros” participantes, alcançou entre nós, antes e depois da libertação, caráter de impulso imediato e violento, até o ponto de competir com outras necessidades elementares. O livro foi escrito para satisfazer essa necessidade em primeiro lugar, portanto, com a finalidade de libertação interior. (LEVI, 1988, p. 8).

Quero contar a respeito do fantasma de meu irmão. [...] O boato, excepcionalmente era verdadeiro: em Riga meu irmão foi fuzilado. Minha mãe recalcou tudo o que um dia ficou sabendo a respeito da morte de seu filho mais velho. Ou talvez a notícia tivesse sido um ferro em brasa colocado em suas mãos estendidas e ela teve que deixar cair para não sofrer as queimaduras. [...] Penso que ela guardou isso na lembrança, de fato não esqueceu, mas permite que se esfume. (KLÜGER, 2005, p. 86).

Trata-se de uma forma de literatura que tem um papel fundamental na preservação da memória e na luta contra a injustiça, dando voz às vítimas e desafiando o esquecimento e a indiferença em relação aos eventos traumáticos da história.

¹ “Lang heb ik erover nagedacht of ik over Dachau schrijven of zwijgen moest. Waarom zou je erover praten? De mensen begrijpen het toch niet, ik hoor nie tmeer bij de mensen of de mensen horen niet meer bij mij. waarom zouden we dit alles vertellen? Maar wij moeten welspreken, om dat de dodendit van ons vragen, zij spreken door uns.”

Além disso, e este ponto nos interessa especialmente, a literatura testemunhal não se limita a relatar fatos objetivos, mas também busca expressar os sentimentos e as emoções das vítimas, bem como suas vivências subjetivas, as suas experiências mais profundas.

Quando lançamos um olhar sobre os místicos e as místicas contemporâneos, percebemos que muitos desses autores passaram por experiências de horror e souberam, de alguma forma, ver além: enxergam algo para além daquela crua realidade, por exemplo.

A mística contemporânea pode ser entendida, também, numa forma de resistência e de transformação. Algumas pessoas encontram em experiências dessa natureza uma forma de se opor ao mundo superficial em que vivem, e de buscar uma nova forma de relação com o meio ambiente e com o divino. Ela se refere, especialmente, a uma experiência direta e íntima com o divino, que pode acontecer fora das estruturas tradicionais da religião.

MÍSTICA CONTEMPORÂNEA

Ao longo da história da humanidade, a mística tem sido objeto de múltiplos olhares: há quem se debruce sobre ela por mera curiosidade, há outros que se admiram ou espantam com os relatos de feitos extraordinários, ainda há aqueles que buscam no testemunho de grandes místicos inspiração para suas próprias vidas. Tal pluralidade, talvez, é devido à sua própria natureza conceitual. A mística diz respeito às experiências pessoais de união com a divindade; segundo o Dicionário de Filosofia essa união se dá por diversos meios, entre eles o ascetismo, a devoção, o amor, a contemplação (MORA, 2001, p. 1976).

A experiência mística extrapola, inclusive, os próprios ditames da religião, podendo ser observada, também, na filosofia, em especial nas neoplatônicas. Wittgenstein associa a mística ao indizível (*Unaussprechliches*) ao afirmar que diante daquilo que não se pode falar, deve-se silenciar. A etimologia da palavra recorda-nos os verbos gregos *myo* e *myeo* que, em tradução livre, significariam “calar-se” ou “fechar os olhos” e “iniciar-se nos mistérios” respectivamente. Enquanto adjetivo, místico significa algo “ligado aos mistérios, em que se inicia e sobre o qual se está em silêncio” (WAAIJMAN, 2000, p. 353, tradução nossa).²

O Ocidente, hegemonicamente cristão, ao longo de sua história colocou a mística num lugar de exceção, como sendo reservada aos “alumbrados”, geralmente homens e umas poucas mulheres enclausurados em comunidades religiosas e com uma vida de profunda renúncia e

² “verbonden met de mysteriën, waarin men wordt en waarover men zwijgt”.

ascese. Esse padrão seria predominante até a Idade Moderna, contudo com o declínio do cristianismo histórico, a crescente secularização e o “fracasso da *Aufklärung*”³ verificado, sobretudo, com as Grandes Guerras e os campos de extermínio, tal concepção sofre uma reviravolta.

A mística se reinventa, rompe com antigos esquemas e se apresenta sob uma nova perspectiva. A mística contemporânea é política (LIMA VAZ, 2015), extrapola os muros das instituições religiosas tradicionais, desvincula-se de quaisquer dogmas ou crenças específicas. É plural, dialógica, transdisciplinar. A mística contemporânea é um fenômeno complexo e multifacetado que abrange diversas expressões religiosas e espirituais presentes na sociedade atual. Embora não seja um conceito fácil de definir, pode ser entendida como uma busca por experiências espirituais profundas e pessoais, que transcendem as formas tradicionais de religião e que se manifestam em diversas áreas da vida. Geraldo D’Abadia, na apresentação do livro *Mística e místicos*, de Vital Wilderink (2004, p. 14), afirma que o autor “retira da mística uma visão exótica e estranha que a acompanhou por muito tempo e partilha conosco uma visão de mística como experiência que nos transforma, que nos deixa inteiros diante de nós mesmos e das relações que cultivamos”.

O termo mística vem sendo usado com tantas e diferentes significações ao longo de sua história que já não apresenta todos os significados que a palavra comporta. Perde, inclusive, o seu *locus* dentro da tradição cristã católica. A maior parte dos escritos místicos conhecidos é oriunda de ambientes monásticos; por esse motivo acreditou-se que uma experiência desse porte só seria possível se inserida no ambiente monacal cristão. Mas consiste em engano pensar assim, porque “existe uma aspiração primordial que é inerente ao ser humano, tendo dela consciência ou não” (WILDERINK, 2004, p. 32). Sendo uma condição inerente ao ser humano, a mística é passível de ser democratizada. Dorothee Sölle⁴ afirma que a mística é uma exigência

³ O “fracasso da *Aufklärung*” consiste em uma crítica à ideia de que a razão e a ciência são suficientes para resolver os problemas humanos, seu apogeu está nas barbaridades cometidas pelos estados totalitários na Europa do século XX. O Iluminismo, apesar de ter promovido avanços significativos em áreas como a ciência, a política e a cultura, não conseguiu resolver muitos dos problemas sociais e políticos que persistem até hoje. Alguns dos exemplos desses problemas incluem a desigualdade social, a opressão política e cultural, a pobreza, a exclusão social e a exploração.

⁴ Dorothee Sölle (1929-2003) foi uma teóloga, escritora e ativista social alemã, conhecida por sua abordagem crítica e engajada da teologia. Para ela a mística é uma dimensão importante da experiência religiosa, capaz de oferecer *insights* profundos sobre a natureza de Deus e da própria realidade. Sölle defendia uma abordagem crítica da mística, que não a considerasse como um simples escape da realidade, mas como uma prática engajada com as questões sociais e políticas de seu tempo. Em sua obra *Misticismo e resistência* (SÖLLE, 2014), por exemplo, ela argumenta que a mística pode ser uma fonte de inspiração para a luta contra a opressão e a injustiça. A autora também enfatizava a importância de uma mística feminista, que valorizasse a experiência das mulheres e desafiasse

feita à vida, portanto todos nós somos místicos, e a mística é “a experiência da unidade e da integridade da vida, mas também a percepção de que nesta vida existe algo de quebrado”; e a autora conclui seu pensamento dizendo que a mística “é a forma mais perigosa de resistência” (SÖLLE *apud* WILDERINK, 2004, p. 33).

A democratização da mística pode, equivocadamente, indicar-nos que a mística possa ser o resultado de um mero *opus* humano, assim como a democracia fora fruto do gênio grego; entretanto ela apresenta um caráter de bilateralidade. Para Titus Brandsma ([1929?], tradução nossa), a mística é “a coisa mais maravilhosa e mais bela de nossa santa religião, um antegozo do céu, porque mostra a identificação, a mais íntima identificação do homem com Deus e de Deus com o homem”.⁵ A democratização da mística está, portanto, em seu caráter de “serviço à humanidade, submergida no cotidiano como um testemunho que faz crer” (WILDERINK, 2004, p. 34). Por se tratarem de autores cristãos, usam de linguagem e conceitos teológicos, mas tal ideia poderia ser traduzida por algo como um conhecimento sem mediações na qual a realidade mais profunda da vida se desvela, permitindo ser conhecida, ainda que sutilmente, e tal conhecimento muda radicalmente a percepção da existência de quem o experimenta.

O primeiro dado a ser considerado sobre as experiências místicas é que elas necessitam do humano para acontecer, são vivenciadas de forma pessoal e única, e são difíceis de serem descritas e comunicadas com facilidade, são individuais e subjetivas. Elas necessitam principalmente do humano consciente de sua fragilidade, ou seja, receptivo e “de mãos abertas e vazias”. A partir dos relatos e da vida de alguns místicos e místicas, podem-se esboçar alguns traços característicos dessa experiência. Talvez, para a mística contemporânea, um desses traços primordiais é a profunda sensibilidade frente aos sofrimentos do outro, principalmente dos indefesos e dos apartados, acarretando uma insatisfação e um inconformismo frente às situações de injustiça; outro traço é o compromisso ético. São homens e mulheres como, por exemplo, Titus Brandsma (1881-1942), Edith Stein (1891-1942), Dorothy Day (1897-1980), Dag Hammarskjöld (1905-1961), Simone Weil (1909-1943), Etty Hillesum (1914-1943).

as estruturas patriarcais da Igreja Católica e da sociedade. Ela acreditava que a mística poderia ser uma forma de empoderamento para as mulheres, ajudando-as a se reconectar com sua própria espiritualidade e a encontrar uma voz na tradição religiosa.

⁵ “Mystiek is voor mij het heer lijkste, het mooiste in on zen H. Godsdienst, een voorsmaak van den Hemel, omdat zij de vereeniging, de innigste Vereeniging laat zien van den mensch met Goden van God met den mensch.”

A experiência mística, como dissemos, acontece no interior de quem a vivencia, e seu elemento primordial é a busca pela experiência direta e pessoal com o divino e com o mistério que está além da compreensão racional.

Os místicos contemporâneos [...] foram pessoas perfeitamente ativas, comprometidas e responsáveis pelas questões de seu tempo. Quanto mais íntimos e próximos de Deus, mais sua experiência mística demonstrou a necessidade de se comprometer com lutas seculares a fim de comungar com o sofrimento humano de seu tempo e espaço. (LOSSO; BINGEMER; PINHEIRO, 2022, p. 438).

Essa busca pode envolver diferentes práticas e manifestações, mas tem em comum a sensação de conexão profunda com algo maior do que o eu individual e a busca contínua pela transformação interior. Pode-se conjecturar que duas são as principais formas de acesso a ela: “o curso da vida” (*Lebenslauf*) e a “afirmação” ou “testemunho” que a própria pessoa dá de sua experiência (*Aussage*)⁶. Ambos nos apresentam dados incompletos e insuficientes, porque a linguagem não consegue chegar ao núcleo, expressar a realidade. Somente quem viveu uma experiência assim a conhece; e a linguagem, ao tentar abarcar o sentido, restringe-o. Dito isso, o *Lebenslauf* possui um lugar privilegiado, somente ele consegue tornar cognoscível a mudança radical que ocorre na vida de um místico. A *Aussage*, em segundo lugar, é a tentativa de colocar em signos, de comunicar, seja pelas letras, artes visuais, música, é a expressão tátil (objetiva) da experiência mística. Podem ser narrativas de primeira ou terceira pessoas. De qualquer forma, a mística sempre comportará um dado de mistério, de algo que não pode ser completamente acessado objetivamente por terceiros.

É justamente nessa tentativa de colocar a experiência mística em signos que entendemos repousar a relação entre ela e a literatura testemunhal.

LITERATURA TESTEMUNHAL

A literatura testemunhal é uma forma de escrita que se concentra na narração de experiências pessoais de indivíduos ou grupos que passaram por situações extremas, como

⁶ *Lebenslauf* (*der*), do alemão, é formada pelas palavras *Leben* (*das*) (vida, existência) e *Lauf* (*der*) (curso, rota, decorrer), significa literalmente “o curso ou o decorrer da vida”. *Aussage* (*die*), por sua vez é formada pela partícula *Aus* (*Aus* pode ser uma preposição, advérbio ou parte de outras construções gramaticais. Como preposição, geralmente indica movimento para fora de um lugar ou origem. Como advérbio, pode indicar o resultado de uma ação, ou pode indicar que algo está completamente terminado) e *Sage* (*die*) (narrativa) ou *sagen* (dizer), significa “afirmação”, “declaração”, “testemunho”. Entendemos que a experiência mística é passível de ser perscrutada dessas duas maneiras: através daquilo que se observa na vida da pessoa, ou daquilo que ela mesma diz.

conflitos armados, genocídios, ditaduras, catástrofes naturais, entre outras. Geralmente é escrita por pessoas que vivenciaram esses eventos e desejam compartilhar suas histórias com o mundo, muitas vezes com o objetivo de alertar sobre as injustiças e atrocidades cometidas.

A origem da literatura testemunhal enquanto categoria literária específica surge no século XX, após as atrocidades da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e a divulgação dos testemunhos de sobreviventes do Holocausto. Dentre seus expoentes podemos citar alguns nomes como, por exemplo, Primo Levi (1919-1987): químico e escritor italiano, sobrevivente do Holocausto judeu, se tornou um dos mais importantes exemplos da literatura testemunhal do século XX. Sua obra mais conhecida é o livro *É isto um homem?*, escrito logo após sua libertação do Campo de Concentração de Auschwitz. Em *É isto um homem?*, Primo Levi descreve com detalhes a vida em Auschwitz, os horrores lá vistos e vividos e as estratégias que ele e outros prisioneiros utilizaram para sobreviver. O livro é um testemunho intenso e comovente da crueldade humana, mas também da resistência e da solidariedade entre os prisioneiros.

Etty Hillesum (1914-1943): neerlandesa, viveu durante a Segunda Guerra Mundial e foi morta no Campo de Concentração de Auschwitz. Sua obra mais conhecida é o diário que ela escreveu entre 1941 e 1943, intitulado *Uma vida interrompida* (HILLESUM, 2022). Em seu diário ela descreve com detalhes suas vivências como judia em Amsterdam durante o *Reichskommissariat* (Governo de Ocupação). Ela documenta em seus diários que estava convencida de que seria fiel a si mesma somente se não abandonasse os que se encontravam em perigo e se usasse sua energia para trazer vida à vida dos outros (LOSSO; BINGEMER; PINHEIRO, 2022). Seus escritos são um testemunho da resistência espiritual e da capacidade de encontrar significado em meio ao sofrimento. Na escrita de Hillesum vemos uma forma de enfrentar o trauma e a violência. Seu diário é uma prova de que a literatura testemunhal pode fornecer uma conexão com o passado e contribuir para uma compreensão mais profunda do próprio humano.

Raphaël Tijhuis (1913-1981) escritor neerlandês, sobrevivente do Holocausto. Sua obra é um importante exemplo de literatura testemunhal, que tem como objetivo dar voz àqueles que não podem mais fazê-lo, como ele mesmo diz no prefácio de seu diário *Innerlijke reis Dachau voorbij de grens: dagboek van Rafaël Tijhuis met daarin de laatste dagen van Titus Brandsma* (TIJHUIS, 2004).

Bảo Ninh (1952): escritor vietnamita e veterano de guerra, tornou-se conhecido por sua obra que testemunha as experiências vividas durante a Guerra do Vietnã (1955-1975). Seu escrito mais conhecido é o livro *A mágoa da guerra: o outro lado da Guerra do Vietname*, (NINH, 1995). Através de sua escrita, Bảo Ninh mostra o horror, a brutalidade e as consequências devastadoras da guerra para os soldados que participaram da luta. Sua obra é também uma reflexão sobre a vida, a morte e o sofrimento humanos.

Svetlana Alexievich (1948): escritora bielorrussa e vencedora do Prêmio Nobel de Literatura em 2015, autora de *Vozes de Tchernóbil* (ALEKSIÉVITCH, 2016b) e *O fim do homem soviético* (ALEKSIÉVITCH, 2016a). Sua obra é caracterizada pelo uso de entrevistas com testemunhas de eventos históricos para criar uma narrativa coletiva e dar voz às pessoas que viveram essas experiências, mostrando o impacto desses eventos na vida das pessoas comuns, revelando suas histórias e experiências pessoais. Em sua obra mais conhecida, *Vozes de Tchernóbil*, publicada em 1997, ela coletou depoimentos de pessoas que viveram o desastre nuclear de Chernobyl em 1986. Alexievich é considerada uma das principais vozes da literatura testemunhal contemporânea.

Immaculée Ilibagiza (1972): escritora ruandesa que ficou conhecida por sua obra literária que testemunha as experiências vividas durante o genocídio de Ruanda em 1994. Seu livro mais conhecido é *Sobrevivi para contar: o poder da fé me salvou de um massacre* (ILIBAGIZA, 2012). Por meio de sua escrita, Ilibagiza mostra o horror do genocídio, a brutalidade do conflito e as consequências devastadoras para os que foram afetados. Além disso, ela descreve como sua fé em Deus a ajudou a sobreviver durante esse período difícil, tornando sua obra uma reflexão sobre a espiritualidade e a resiliência humana.

CONCLUSÃO

Quando os Aliados libertam os Campos de Concentração na Alemanha, não somente o país se encontrava em ruínas. Ao implodir os portões que havia sob a inscrição “*Arbeit macht frei*” pelas mais diversas localidades do Terceiro Reich, os soldados se deparariam com cenas das mais atrozidades ocorridas na contemporaneidade. Milhares de corpos macilentos, sem força sequer para gritar por socorro, prorrompem aos olhos daqueles que vieram em seu resgate. As imagens que dali saíam provocariam, obviamente, indignação e repulsa. Contudo, em alguns indivíduos haveria, também, o sentimento de incredulidade e silêncio.

Os anos que seguiram o fim da Segunda Guerra Mundial foram um período complexo. Filósofos, cientistas sociais, antropólogos, teólogos, autores das mais diversas áreas do conhecimento se dedicaram a compreender e a processar tudo o que se havia passado. Mas houve uma categoria de reflexões que se sobrepõe a todas as demais: a dos sobreviventes. Estes o fazem não motivados pela perplexidade, como os intelectuais; eles o fazem por uma necessidade. Necessidade de dar sentido, de processar o vivido, de enfrentar o passado, de justiça (*Vergangenheitsbewältigung*). Narrar ajuda a organizar o caos.

Toda essa literatura que se segue, conhecida como “de testemunho” ou “testemunhal” é o espaço privilegiado do encontro e da ressignificação. Encontro consigo mesmo, com os demais e, em alguns casos, com o divino. Certamente que nem todo autor de literatura testemunhal é um místico, mas não se pode negar que a grande maioria dos místicos contemporâneos, ao narrar a sua vida e as suas experiências, inserem-se no *hall* dos autores dessa natureza. As próprias características da mística contemporânea nos levam a considerar isso. A mística é uma forma de unir o que outrora fora quebrado, é a experiência da unidade e da integridade, é a forma mais perigosa de resistência, e isso tudo também é observável na literatura testemunhal.

REFERÊNCIAS

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **O fim do homem soviético**. Tradução de Lucas Simone. São Paulo: Companhia das Letras, 2016a.

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **Vozes de Tchernóbil**: a história oral do desastre nuclear. Tradução de Sônia Branco. São Paulo: Companhia das Letras, 2016b.

BRANDSMA, Titus. **Mystiek in Nederland**, [1929?]. Disponível em: <https://titusbrandsmateksten.nl/mystiek-in-nederland/>. Acesso em: 25 abr. 2023.

HILLESUM, Ety. **Uma vida interrompida**. Tradução de Mariângela Guimarães. Belo Horizonte: Âyiné, 2022.

ILIBAGIZA, Imaculée. **Sobrevivi para contar**: o poder da fé me salvou de um massacre. Tradução de Sonia Sant’Ana. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

KLÜGER, Ruth. **Paisagens da memória**: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto. Tradução de Irene Aron. São Paulo: Editora 34, 2005.

LEVI, Primo. **É isto um homem?** Tradução Luigi del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

LIMA VAZ, H. C. de. **Experiência mística e filosofia na tradição ocidental**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015

LOSSO, Eduardo Guerreiro; BINGEMER, Maria Clara; PINHEIRO, Marcus Reis (org.). **A mística e os místicos**. Petrópolis: Vozes, 2022

MORA, José Ferrater. **Dicionário de filosofia**, tomo III. Tradução de Maria Stela Gonçalves *et al.* São Paulo: Edições Loyola, 2001.

NINH, Bão. **A mágoa da guerra**: o outro lado da Guerra do Vietname. Lisboa/Sintra: Publicações Europa-América, 1995.

SÖLLE, Dorothee. **Mystik und widerstand**. Stuttgart: Kreuz, 2014.

TIJHUIS, Raphaël. **Innerlijke reis Dachau voorbij de grens**: dagboek van Raphaël Tijhuis met daarin de laatste dagen van Titus Brandsma. Leeuwarden: Discovery Books, 2004.

WAAIJMAN, K. **Spiritualiteit**: vormen, grondslagen, methoden. Kampen: UitgeverijKok, 2000.

WILDERINK, Vital J.G. **Mística e místicos**. Editora da Divina Misericórdia: Belo Horizonte, 2004.